

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COMO REAGEM AS CRIANÇAS MEDIANTE ESSE PROCESSO

Hudson Harison Holanda de Medeiros

Graduando do curso de pedagogia UERN-CAP e bolsista do projeto de extensão “Era uma vez...”

Maria Ghisleny de Paiva Brasil

Professora Orientadora, UERN-CAP, Coordenadora do projeto de extensão “Era Uma vez...”

RESUMO

A incessante busca de compreender o universo infantil através da prática do fantasioso é o ponto de apoio deste estudo. Com ele procurou-se compreender que a imaginação é a forma mais ativa do alargamento intelectual da criança, para essa construção o uso do artifício da contação de histórias torna-se primordial, pois o anseio pelo enigma, fantasia, encanto e emoção lhes são inerentes. Buscou-se através de um estudo de caso, onde, com uma prática interventiva com histórias no I.E.A.F., em Olho d'Água dos Borges/RN, na Educação Infantil, procurou-se empreender e compreender as reações e emoções infantis mediante situações de contação. Desenvolveu-se este artigo, com base nos estudos de Bettelheim, 1980; Abramovich, 1991; Coelho, 1991; 1997; 2005, entre outros autores, onde a compreensão e a importância das histórias infantis para os processos de cognição, afetuosidade e socialização da criança, bem como os seus desejos e anseios foram primordiais para sua efetivação.

Palavras-chave: Infância; Contação de histórias; Imaginação.

INTRODUÇÃO

“Era uma vez...” É incrível o poder dessas singelas palavras que geralmente iniciam os contos infantis, são como o despertar de sonetos mágicos para os ouvidos de qualquer espectador. Neste pensamento busquei com esta pesquisa, que fundamentou a construção de meu trabalho monográfico, identificar as vontades e anseios infantis perante este artifício, que tem ganhado, a cada dia, mais espaço nas salas de aulas e no universo infantil.

A singularidade dos contos de fadas, para Bettelheim (1980), não são vivenciadas apenas como uma forma excluída de se fazer literatura, a magia das narrativas deve ser encarada como uma configuração de arte, inteiramente acessível para a criança, como nenhuma outra. Bettelheim ainda nos diz que a incorporação de significados é inerente a cada indivíduo, e varia conforme a evolução pessoal e social desta, ou seja, a história contada na infância poderá ter um significado na adolescência e outro na fase adulta e mais um na velhice.

A contemplação dos estudos de Bettelheim despertou em mim um desejo intenso de mergulhar nessas profundas águas do imaginário infantil, assim, trabalhei com o universo da contação de histórias em todos os estágios que ocorreram durante a

minha formação, até que no início do ano de 2012 ingressei no projeto de extensão “Era uma vez...” coordenado pela professora Mestre Ghislény Brasil, uma experiência surpreendentemente significativa, pois tive a oportunidade de planejar, intervir, ouvir, partilhar e compartilhar de histórias magníficas, onde junto das crianças fui príncipe, rei, contador e espectador. Nesse projeto extensivo, enquanto contadores, visitávamos duas escolas no município de Olho d’Água do Borges/RN, onde foram proporcionados momentos de interação, muita paz e carinho entre alunos, professores e contadores. Nestes momentos interativos, tornou-se fácil (re) conhecer um dos milhares funções que tem os contos, que é a construção de mundo fantástico num bosque de alegrias e bem longe do pântano das incertezas.

Com isso busquei indagar neste estudo, entre vários outros questionamentos: perceber como as crianças recebem o processo de contação de histórias, como elas desenvolvem um aprendizado efetivo através do ato de ouvir histórias, como elas desenvolvem capacidades de autoajuda através deste processo? Afinal, os contos presentes na Literatura infantil, devem levar a criança a relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade, sem depreciá-la, buscando dar credibilidade às suas particularidades e promover sua autoconfiança.

As análises que construí para a efetivação deste trabalho se deram através de uma pesquisa interventiva realizada no I. E. A. F. em Olho d’Água dos Borges/RN, onde através de um estudo de caso que partiu da contação da história Chapeuzinho Vermelho, escolhida pelos próprios educandos pude visualizar as reações e emoções de 15 crianças de dois segmentos da Educação Infantil. Onde, mergulho intensamente no universo dos contos infantis adubados na infância, procurando arquitetar a relação dos contos de fadas e suas práticas educativas nos mundos de vida da infância, buscando intercalar a intervenção, realizada no lócus supracitado, com a revisão literária abordada sob a perspectiva da contação, da reação e da emoção, vivenciada pelo nosso alvo as próprias crianças.

Esse é o grande desafio desta pesquisa, mas não falo aqui que o desafio maior é o de (re) admitir o “outro” infante, mas sepultar de vez esta funérea sociedade adulta a qual estamos subordinados. Partir da infância conjecturada por seus próprios atributos não é simples, mas, quando partimos dessa referência, pensando na criança e na infância por suas próprias especificidades e com a coragem de nos beirmos das múltiplas dimensões da criança, tenho a certeza que construiremos uma pedagogia da, e para a, educação, longe da eterna busca por problemas educacionais, mas, próximo das

realidades sociais vivenciadas pelo verdadeiro objeto de pesquisa do professor: a criança.

“QUE REINAÇÃO VAMOS TER HOJE, NARIZINHO?”

O ato de contar histórias permanece no universo escolar há muito tempo, no entanto, o que notei durante todo o período de observações é que muitos educadores ainda não percebem que esse processo fundamenta o princípio de liberdade para a criança, pois, através dos contos as mais diversas atividades podem ser empreendidas, bem como, auxiliam no desenvolvimento individual das crianças, tanto em ambiente escolar, como, nas distintas situações e atmosferas do meio social, através das relações e atitudes.

A literatura infantil ainda objetiva a fundamentação de princípios éticos e a construção de valores, auxiliando numa melhor convivência nos diversos ambientes sociais em que encontramos a criança. Através da contação de histórias, realizada pelas próprias crianças ou pelo professor, percebi que a criança degusta diferentes circunstâncias afetivas, muitas vezes não vivenciadas na vida real.

Vivemos hoje um momento em que a literatura infantil é tida como manancial de conhecimento que enriquece a constituição da infância desde a sua primária relação com as narrativas infantis. Dessa forma e mediante a um novo contexto social permeado por avanços tecnológicos e relacionais, observo a clara carência de valores e de significado para a vida. Contudo, ao nos confrontarmos com esta visão, precisamos compreender que o verdadeiro progresso está intrincado no universo do pensamento, ou como afirma Coelho (2000) nos níveis de conhecimento de mundo assimilados individualmente desde a infância.

Nessa perspectiva a literatura infantil assume um importante papel que, de acordo com Coelho (2000):

[...], tem uma tarefa fundamental a de cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação [...] É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens. [...] E parece já fora de qualquer dúvida que nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite (2000, p. 15).

Assim, entendo que as transformações socioculturais sofridas pelo contexto atual e essenciais à evolução humana, têm como um dos agentes fundadores da construção de uma nova forma de pensar a literatura infantil, pois se aproxima do cerne arbóreo humano, através do sentimental e do prazeroso, tendo a capacidade de enraizar-se através das estações da vida, a própria Abramovich usa-se como exemplo para clarificar esta ideia:

...essa volúpia de ler, essa sensação única e totalizante que só a literatura provoca (em mim, pelo menos...), esse ir mexendo em tudo e formando meus critérios, meus gostos, meus autores de cabeceira, relendo os que me marcaram ou mexeram comigo dum jeito ou de outro [...] de encantamento e de necessidade vital, é algo que trago comigo desde muito, muito pequenina... (2001, p. 13,14).

Nesse sentido, é elementar que iluminemos estes caminhos tão fantásticos para as nossas crianças, reverenciando suas pretensões, suas necessidades e especialmente, o seu coeficiente de consciência de mundo, sem dispensar os ensejos de entender e produzir sentido ao seu orbe pessoal.

Contudo, me empenho aqui, em apreciar genuinamente as nossas crianças, apreender acerca de seus mundos, aspirações, vontades, buscar compreender suas particularidades, suas infâncias intrincadas nas mais diferentes classes sociais e culturas permitindo que cada menino ou menina, pense acerca da educação que lhe é auferida em sua atual admissão nesses ambientes. É aceitar a voz da infância, bem como sua capacidade de expressar-se, de ponderar e de ser ouvido, ter a capacidade essencial de ser livre, e por intermédio de suas articulações nos consentirem a edificação dos lugares que lhe competem, pensados por nós adultos, enquanto sociedade, mas essencialmente pelas crianças, lugares capazes de edificar na infância sua liberdade, a construção de seus sonhos, que permitam sua influência mútua, sagrando suas especificidades.

Quinteiro (2002) nos diz que:

[...] fica evidente que ouvir o que pensam, sentem e dizem as crianças na perspectiva de estudar, desvendar e conhecer as culturas infantis constituem-se não apenas em mais uma fonte (oral) de pesquisa, mas principalmente em uma possibilidade de investigação acerca da infância. (2002, p. 35)

Nesse sentido os estudos da sociologia da infância, através de sua metodologia, nos capacitam a ouvir a criança, identificando facilmente as suas particularidades e sepultando, definitivamente, os mortos conceitos de infância. Através dos estudos da criança sociológica fui levado a compreendê-la como cidadã plena de

direitos, transformando, de vez, a imagem infantil mediante a formação dos profissionais que interagem diretamente com a infância. Dessa forma, o professor se torna essencial para a aceção desses mundos, uma vez que é próprio da conjuntura da literatura o seu emprego pedagógico, implicando na atuação educativa do livro sobre o educando, dessa forma o professor poderá despertar vários fatores inerentes à infância como: a autonomia, a criticidade, entre outras atribuições, através do simples uso de uma narrativa.

É através das histórias que a criança reflete sobre o seu próprio comportamento social e sobre o círculo em que convive. Como já vimos, contar histórias é um manifesto cultural que é passado de geração em geração e encontra-se marcada pelo interesse literário, proporcionando à criança a operosidade de sua fantasia, de sua imaginação, despertando ainda os exemplos morais e de prazer espiritual, além da efervescência do belo no universo das palavras. Ao destacarmos um livro que possua todos esses atributos, podemos considerá-lo uma ótima literatura para as crianças assim, “Que reinações vamos ter hoje, narizinho?” (Lobato 2008, p.14).

“LEIA DA SUA MODA, VOVÓ!” – A CONTAÇÃO

Para mobilizar os objetivos arquitetados com fins de nortear esta pesquisa, busco aqui realizar uma abordagem interventiva, ou seja, aquela onde há um caráter intrusivo e modificador da presença do pesquisador num campo de afinidades. Um dos motores que me propulsou a conduzir esta pesquisa por estas alamedas advém das observações que realizei ao longo da minha formação. Onde pude constatar que os professores da educação infantil geralmente, não se utilizam dos contos de fadas ou de quaisquer atividades relacionadas à contação de histórias em sala de aula, ou ainda, como acontece na maioria dos casos, pegam o primeiro livro que veem na biblioteca, sem mesmo se apropriar dele, de suas linguagens, palavras, imagens e, muitas vezes, agravando-se com as falas de alguns personagens. De acordo com Abramovich (1991) para ler histórias é bom saber como se faz, do contrário teremos uma criança que desenvolve pavor dos livros, ou acha a atividade de ler enfadonha e tediosa, uma vez que, segundo a mesma autora:

É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor e ser leitor é ter um caminho de compreensão do mundo (ABRAMOVICH 2001, p. 16).

Nesse sentido, observei ainda a luta que os professores dos anos iniciais travam para concretizarem a leitura como maquinista do “trem educação” nesta modalidade de ensino. Ressalvo que as crianças da primeira fase do Ensino Fundamental simplesmente detestam ler, ou ouvir histórias, por virem de um reflexo na própria educação infantil, onde os docentes não construíram este hábito. Justamente por entender que essa construção se dá nas primeiras interações da criança com a escola e sabendo que a leitura é elementar para a construção de hábitos saudáveis no futuro, realizei a intervenção necessária para a construção deste trabalho em dois segmentos da educação infantil, por considerar de extrema relevância que, desde a mais tenra infância se possa estabelecer o contato e o estímulo à leitura através da magia das narrativas.

Além disso, compreendi que, segundo Nicolau e Mauro (1986):

Muitas são as possibilidades de leitura que se podem oferecer à criança. Entretanto é importante ressaltar que a natureza de cada texto implica em diferentes encaminhamentos, cabendo ao professor conhecer as características do texto para que possa coordenar e estimular a leitura de uma poesia, de uma narrativa e/ou de textos informativos... (1986, pg. 82).

Usei de uma contação simples onde a história a ser contada foi escolhida pelas próprias crianças, partindo de que a criança deve gerir suas vontades, pois, dessa forma, a partir de seus desejos e anseios, se efetua um trabalho mais concreto e com melhores resultados. Claro que se podem contar quaisquer histórias às crianças, desde que respeitemos seus limites de linguagem, suas condições de desenvolvimento, entre outros fatores.

Zilberman (2003) nos fala sobre a fundamental importância da leitura no contexto infantil, que o contato inicial da criança com as narrativas estão relacionadas ao ouvir, de acordo com esse pensamento, apreendi que, ao ouvir uma história contada por meio de suas entonações, pausas corretas e a ajuda de efeitos sonoros, conseguimos fazer com que as crianças se encantem, imaginem, fantasiem, viajem por esse fantástico universo chamado: imaginação, como se estivessem mergulhados no mar da realidade, acolhendo sem preconceitos e em quaisquer fases da infância, os romances mágicos.

Nesse despertar mágico para a fantasia, se desperta também o interesse e a participação nas atividades de leitura, as mais poderosas armas para elevarmos o processo de ensino aprendizagem de nossas crianças. Assim, quando ela ouve a história e associa às imagens que apresentamos torna-se mais interessante a prática da leitura, seja apenas a de imagens ou a de palavras, oferecendo resultados impressionantes. A

criança desenvolve a criticidade, a atenção, a interpretação do que está sendo contado, instaurando uma dialogicidade entre imagem, palavra e raciocínio, onde pude detectar que a criança participa ativamente da hora do conto e estimula a sua curiosidade e o incentivo pela leitura.

“SÓ SEI QUE EM CERTOS MOMENTOS A GENTE MUDA DE ESTADO E COMEÇA A VER MARAVILHOSAS COISAS...” – A REAÇÃO E A EMOÇÃO

A personagem Lúcia, a Narizinho do Sítio do pica pau amarelo, consegue, com a simplicidade e ingenuidade de suas palavras usadas como título deste item, identificar o significado de imaginação que observei durante esta investigação, em que imaginar é navegar no mar dos pensamentos, é mudar realmente de estado e ver coisas que os olhos humanos não enxergam com a mesma destreza dos olhos da alma. Na busca para esta abertura da alma, o professor precisa adaptar-se aos anseios do educando, pois para que se efetive uma aprendizagem qualitativa por parte das crianças, é de grande preciosidade que elas estejam de acordo com a escolha da história. Para a construção deste momento especial escolhemos, junto às crianças, a história “Chapeuzinho Vermelho” na versão dos irmãos Grimm e com algumas adaptações, uma vez que a história já era velha conhecida das crianças e para que pudesse incentivar a novas reações e surpresas nas crianças.

Ao iniciar com o tradicional “Era uma vez...” observei que as crianças prenderam totalmente sua atenção em cada palavra que seguiram na contação, com o fim de poderem realizar a atividade que lhes seria proposta a seguir, que foram desenvolvidas conforme os desejos de cada uma, havendo apenas uma criança que não participou por ser muito pequenina e estar pela primeira vez em um contexto escolar. O objetivo foi justamente este o de deixá-las plenamente à vontade para que pudéssemos captar as suas ansiedades, aspirações e principalmente suas emoções e reações, para que exercitássemos sua criatividade e aliviássemos as tensões de uma nova rotina escolar.

No decorrer da contação elas desinibiram um pouco, e em cada pausa as intervenções delas cresciam, com o intuito de absorver cada acontecimento decorrido na história, o silêncio nem sempre foi nossa companhia no momento da contação onde observei, nas conversas paralelas, que as crianças interagem entre si falando acerca do que iria acontecer na cena seguinte da narrativa. Nesse sentido, foi revelada a presença do processo de socialização que os contos proporcionam; aqui me deparei com a fala do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) que, em outras

palavras, diz que a construção da identidade e da autonomia está intrinsecamente pautada nos processos de socialização.

Segundo o mesmo referencial “As vivências sociais, as histórias, os modos de vida, os lugares e o mundo natural são para as crianças parte de um todo integrado” (BRASIL, 1998, p. 163). Assim compreendo que, através dessas interações proporcionadas pela atividade de contação, alargamos as ligações afetivas, no que tange à suas relações com seus pares e com os adultos, enriquecendo o processo de alteridade em si própria.

O que me chamou bastante atenção durante a contação foi o uso de explicações imaginárias, especialmente nos momentos de pausas e questionamentos sobre o que iria acontecer, sobretudo por atrelar os novos acontecidos na história com seu próprio entorno ou com situações que envolviam o seu próprio universo, por exemplo, no momento de reconstrução da história por eles mesmos o lobo-mau foi substituído por um “Cupim-mau’ porque ele devasta a casa muito mais do que o lobo” ou ainda, durante a roda de conversa uma das meninas diz que “a capinha vermelha do chapeuzinho tinha poderes mágicos e transformaram o lobo-mau em borboleta e ela saiu voando e beijando as flores”.

O que observo nesse ponto é a mistura do lúdico e do imaginário com aspectos da realidade, Coelho (2000) fala que a literatura infantil e a arte são indissociáveis, desse modo literatura também significa o prodígio da criatividade que representa a natureza, a criatura humana, a sua própria existência. Neste caso, por meio da verbalização, fundindo o ideal (Imaginação) com a idealização (realidade).

Bettelheim (1980), em *Psicanálise dos contos de fadas*, ainda diz que:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções: estar harmonizadas com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade-e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (1980, p, 13).

Dessa forma, compreendo que o contador, através da contação, tem como comprometimento despertar a imaginação de seus ouvintes, embarcando-os no navio da

fantasia que cruza o mar da realidade. Compreendo assim, que a criança adora escutar contos, sobretudo porque ela constitui em si própria, muitas ideias, além disso, desvenda uma imensidão de outros mundos tendo a sua curiosidade respondida através de lindas palavras, clarificando os caminhos que se entortaram por meio de dificuldades por ela encontradas.

Mas o que, para mim, ficou marcado mesmo foi que a partir de uma contação simples e de apenas uma intervenção consegui construir um dos principais elementos fundadores da Literatura infantil: o educar para a sensibilidade, tanto nas crianças quanto em mim mesmo enquanto profissional. Nesse sentido, constatei que as atividades relacionadas à contação, mesmo sendo apenas uma leitura dramatizada, trouxeram como contribuição para estes pequenos: o abraço apertado com um texto literário, uma forma diferente de notar a arte, vivenciado por meio do calor de suas emoções, de sua curiosidade, fornecendo o conhecimento de novas cultura, ampliando assim sua visão de mundo.

Através da construção dos desenhos, na atividade proposta para o reconto onde através da criatividade as crianças ficaram livres para redesenhar a história conforme a sua própria realidade. Para isso, dispus folhas de papel em branco que foram preenchidas com vários desenhos onde se representavam situações novas frente às histórias apresentadas, pude ainda observar como elas internalizam as palavras que ouviram durante a contação e quais são os contextos que para ela são relevantes. Observamos também a presença maciça de um estímulo à criatividade, principalmente, no que tange à construção de novas histórias partindo da que foi contada. O contato carinhoso com as crianças harmonizou momentos descontraídos, onde os pequenos ficaram inteiramente à vontade para conversar sobre as suas situações de vida, suas dificuldades bem como compartilhar de suas alegrias e emoções acerca daquele momento, a contação se torna, assim, uma fonte inesgotável de divertimento e desenvolvimento pessoal, pois de acordo com Bettelheim (1980):

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança. (1980, p. 20).

A partir dessa experiência vivenciada, pude analisar que, pelo encanto que produzem e pela importante função afetiva que têm para as crianças, os contos de fadas

devem ser utilizados pelo docente, não apenas em momentos esporádicos e descomprometidos de leitura, mas ser incorporados na rotina escolar como um momento sobre o qual os alunos possam pensar e agir, das mais diferentes formas – em atividades plásticas, simbólicas, cênicas, de leitura e escrita, e tantas outras quanto a realidade de cada sala de aula. Pela imensa riqueza e poder de suas palavras, os contos de fadas merecem um espaço a eles reservado em qualquer projeto, ação ou intervenção pedagógica que o professor pretenda realizar com seus pequenos.

Assim, diante dessas observações de extrema relevância, construí a seguinte tese: as mensagens positivas que os contos carregam os tornam fascinantes, mas, sobretudo únicos e insubstituíveis em sua importância para o imaginário infantil. O trabalho com os contos assegura à criança que ela também será capaz de superar as dificuldades; através deles a herança cultural é também comunicada a elas, tendo uma grande contribuição para sua educação moral, social e cultural.

É a partir dessas pontuações que as narrativas são imprescindíveis para que a criança alcance o reconhecimento de si mesma, a coexistência de dois princípios opostos, presente na divisão dos personagens das histórias, geralmente relacionando bem e mal, o admirável e o horrível, facilita o reconhecimento da criança às questões de conduta e convívio social. Bettelheim (1980) nos diz que:

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento - superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis: obter um sentimento de individualidade e de autovalorização e um sentido de obrigação moral a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adéqua o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo (1980, p. 16).

Dessa forma, e através das interações com as crianças no universo da intervenção que realizei, entendi que as narrativas infantis instruem a como lidar com as dificuldades internas e para elas descobrir saídas oportunas, em quaisquer culturas a que sejam submetidas. A criança, enquanto construção social participante e atuante na coletividade aprenderá a acolher suas qualidades, desde que suas portas internas estejam devidamente destrancadas. Dessa forma, o que as crianças localizam, de fato, com os contos infantis, são camadas de valor que lhe são inesgotáveis.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Toda história possui um final, uma moral, a construção de conceitos e a reconstrução deles. O que seria da humanidade se não pudéssemos ser capazes de reverenciar o poder da reflexão. E é sobre esta que procurei me apoiar durante todo o processo de construção deste trabalho, o refletir, o meditar, o analisar e especialmente o construir. Buscar (re) definir conceitos sobre a contação de histórias construídos através de seu alvo basilar percebi que falar sobre a criança como agente social e sobre a literatura infantil como fundamento desta atividade exige, sobretudo, encargo, leitura e principalmente compromisso.

Perante a análise dos autores pesquisados durante esta investigação, procuro defender o desenvolvimento de uma pedagogia para a educação da criança, respeitando seus contextos, seus ambientes e em especial suas singularidades. O que proponho com este trabalho se aproxima dos meus anseios em pensar a criança com um ser forte, formada conforme os seus mundos de vida, participe e empreendedora da existência social, investigativa, criadora de suposições e essencialmente uma criança que demude a cultura que está ao seu redor.

As atividades de contação me levaram a compreender, ainda, que, contar histórias, jogar milhares de palavras ao vento ou ainda apenas apresentar figuras ilustrativas são fatos que estão longe de estarem próximos. Contar histórias vai além da elocução de palavras ou da exibição de imagens, mas encontra-se pautada no acordar para a curiosidade, na construção da criticidade e do intelecto, mas principalmente no desenvolvimento do imaginário na criança tudo isso através do entretenimento, pois enquanto a criança sente prazer ouvindo histórias ela internaliza ideias, constrói conceitos e apreende valores morais para a edificação da sua individualidade consciente, ou seja, de seu caráter pessoal.

Pude abarcar que o fascínio alcançado através de um conto não vem através de seu entorno moral, mas por intermédio de suas atribuições artísticas, pois como vimos a literatura é uma obra de arte e discerne significados diferentes para a construção de saberes e para as crianças. Vimos ainda, que os contos tem a capacidade de direcionar a criança para a construção de sua identidade e seu efeito no quesito socialização.

Vimos que o universo da contação tem a capacidade de imprimir marcas eternas na vida das crianças e que estas tatuagens da alma, chamadas aqui contos,

narrativas ou histórias, são capazes de agir plenamente sob as novas formas de pensar a criança diante as sociedades modernas. Essa “Neoinfância” pode ser livre, crítica, enfim, plenamente cidadã capaz de opinar e que realmente encontra-se preparada, ou encaminhada, para uma vida em sociedade.

Conseguí o que pretendia com esta pesquisa, situar a criança em sua posição de atividade na prática pedagógica do professor. Espero ainda que este trabalho não se estagne no tempo, acredito que ele merece ser continuado ou ainda ampliado, com o intuito de expandir e aprimorar as condições infantis mediante a uma cultura, afirmando a efetivação da participação infantil na sociedade e tornando indispensável que ela aprenda a não omitir-se. Por isso, entendo que fantasiar é fundamental para a construção dos desenvolvimentos das crianças, pois vejo nisso a oportunidade de ampliar o seu inconsciente fazendo-a conhecer profundamente os diversos significados da vida. Concluo que a criatividade atrelada à sabedoria desenvolvida nas narrativas infantis e seu grandessíssimo conteúdo, delineiam caminhos diversos para que elas encontrem a casa do velho e sábio “verbo Ser”.

REFERENCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil. Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BETTELHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF, 1998.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias Uma Arte Sem Idade**. São Paulo. Ática, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria das origens orientais ao Brasil de hoje**. São Paulo: Quiron; Brasília: INL, 1981.
- LOBATO, Monteiro. **As reinações de Narizinho – volume 2**, Monteiro Lobato, ilustrações Paulo Borges- 2º Ed.- São Paulo, Globo, 2008.
- _____. **Memórias de Emília**, Monteiro Lobato, ilustrações Paulo Borges- 2º Ed.- São Paulo, Globo, 2008.
- _____. **Emília no país da Gramática**, Monteiro Lobato, ilustrações Paulo Borges- 2º Ed.- São Paulo, Globo, 2008
- QUINTEIRO, J. **Infância e Escola: uma relação marcada por preconceitos**. 2002. Campinas: UNICAMP. (Tese de Doutorado em Educação) Filosofia da Educação, 1989.
- SCHMIDT, M. L. S. . **Pesquisa interventiva institucional e comunidades interpretativas**. In: XI Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica e II Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica de Belo Horizonte, 2007, Belo Horizonte. Anais do XI Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica e II Colóquio Internacional de Psicossociologia e Sociologia Clínica de Belo Horizonte, 2007.
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1985;